

Falta só doador para primeiro transplante de coração no DF

Rafania Almeida

Aos 2 anos de idade, Maria Luiza de Farias Rodrigues já enfrenta um problema de adulto. A menina, que ainda fala poucas palavras, não consegue nem pronunciar o nome da doença que tem, miocardiopatia dilatada. O coração dela cresceu e está com o tamanho equivalente ao de uma criança de 8 anos.

Maria Luiza será a primeira pessoa do Distrito Federal a passar por um transplante de coração, mas ainda falta um doador. A garota está internada no Incor desde terça-feira. A família espera ansiosamente por um doador.

— Se não fosse pelo atendimento que minha filha recebeu no Incor, ela teria morrido — afirmou a mãe de Maria Luiza, Nilma de Farias, 24 anos, contando que a filha não recebeu a mesma atenção em outros hospitais.

Segundo Nilma, Maria Luiza foi levada ao Hospital Regional da Ceilândia com uma forte pneumonia. Depois de várias consultas, os médicos avaliaram que o coração da menina estava se dilatando e conseguiram encaminhá-la para o Incor.

Filha única, Luiza é acompanhada pela mãe e pelo pai, o confeiteiro Gilmar Rodrigues de Queiroz, 24 horas por dia.

— Ela está entubada e sedada. Estamos otimistas. A Lui-



Nilma e Gilmar observam Maria Luiza: na lista nacional de prioridades de receptores

O coração de Maria Luiza já está com o tamanho equivalente ao que teria uma criança de 8 anos

za é uma menina muito ativa, e apesar da idade, tem sido muito forte para enfrentar a situação — admirou a mãe.

A menina precisa do coração de uma pessoa com até 15 anos, já que o organismo dela se adaptou a um coração

maior do que o normal para sua idade.

Segundo o coordenador da Central de Transplantes do Distrito Federal, Lúcio Lucas Pereira, ainda existe uma perspectiva de doação para Maria Luiza. Ela está há mais de 48 horas na fila de espera e entrou na lista nacional de prioridades de receptores de órgãos.

— Já notificamos todos os hospitais do DF e estamos fazendo uma busca ativa de possíveis doadores com morte cerebral e autorização da

família para a operação. Mas como ela está na lista nacional, esperamos um doador de qualquer região do país para atendê-la — disse Lúcio.

O coordenador acredita que seja mais fácil a ajuda vir de fora. De acordo com ele, no Brasil em média 50% das famílias negam a doação de órgãos. No DF o número é superior a 70%.

— Fica a cargo da família autorizar ou não. Avaliamos todos os casos. Infelizmente ela conta com a sorte — lamentou Lúcio.